

QUADRINHOS DE SUPER-HERÓIS COMO UM “PODEROSO” *LOCUS* TEOLÓGICO

SUPERHERO COMICS AS A “POWERFUL” THEOLOGICAL *LOCUS*

Emilio Sandro Mesquita Peçanha¹
Jansen Racco Botelho de Melo²

RESUMO

O presente artigo procura trabalhar a ideia de que as Histórias em Quadrinhos de Super-Heróis podem se tornar um espaço fecundo para a reflexão teológica. Inicialmente, ele analisa a capacidade de inculturação da fé cristã, e como a mesma, desde o seu surgimento, conseguiu dialogar com a cultura grega predominante na sociedade à época. Em seguida, ele se volta para o mito dos heróis gregos, abordando o que eles representaram para os remanescentes da Hélade, após a violenta ocupação dos dórios, e como eles se traduzem hoje no imaginário popular, à luz da Psicanálise. Logo após, ele se concentra na figura de um super-herói em especial – o Superman –, apresentando-o como uma versão pós-moderna dos heróis míticos e, ao mesmo tempo, uma metáfora dos valores judaico-cristãos, ou seja, uma personificação dos princípios éticos presentes no texto bíblico. Por fim, ele busca estabelecer uma analogia entre as Histórias em Quadrinhos e a Literatura Fantástica (sendo essa um gênero literário já considerado por alguns autores como um fértil *locus* teológico). Tal comparação, como se propõe, somada aos argumentos anteriores, contribui para o reconhecimento do valor cultural dos Quadrinhos, bem como de sua importância como espaço válido para a reflexão teológica.

PALAVRAS-CHAVES: histórias em quadrinhos; super-heróis; inculturação do cristianismo; teologia cristã; heróis da mitologia grega; Superman; literatura fantástica; ética cristã.

ABSTRACT

This article seeks to work on the idea that Superhero Comics can become a fruitful space for theological reflection. Initially, he analyzes the inculturation capacity of the Christian faith, and how it, since its emergence, managed to dialogue with the Greek culture predominant in society at the time. Then, he turned to the myth of Greek heroes, addressing what they represented for the remnants of Hellas, after a violent occupation by the Dorians, and how they were translated today in the popular imagination, in the light of Psychoanalysis. Soon

¹ Graduado em Teologia pela Universidade do Grande Rio “Prof. José de Souza Herdy” (Unigranrio) e pós-graduado em Teologia do Antigo Testamento pela Faculdade Unida de Vitória.

² Doutor e Mestre pela Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro na área de Teologia Sistemático-Pastoral. Especialista em Ciência Política pela Unyleya. Bacharel em Teologia pela Universidade Metodista de São Paulo. Licenciado em História pela Universidade Católica de Petrópolis-RJ. Idealizador do projeto que mantém um canal no YouTube, o Café com Teologia. Contato: jansenracco@hotmail.com

after, he focuses on the figure of a particular superhero – Superman –, presenting him as a post-modern version of mythical heroes and, at the same time, a metaphor for Judeo-Christian values, that is, a personification of the ethical principles presents in the biblical text. Finally, he seeks to establish an analogy between Comics and Fantasy Literature (this being a literary genre already considered by some authors as a fertile theological *locus*). Such a comparison, as proposed, added to the previous arguments, contributes to the recognition of the cultural value of Comics, as well as their importance as a valid space for theological reflection.

KEYWORDS: Comics; Super heroes; inculturation of Christianity; Christian theology; heroes of Greek mythology; Superman; fantastic literature; Christian ethics.

INTRODUÇÃO

Como o título acima sugere, o objetivo deste artigo é tratar da relação entre *Teologia e História em Quadrinhos*. No entanto, em virtude das diferentes abordagens que o assunto pode oferecer, a análise do presente estudo se restringirá aos denominados *Quadrinhos de Super-Heróis*, que ganharam vida nos Estados Unidos da América na década de 1930, conquistando outras partes do mundo desde então.

Menosprezados por uns no início (que os viam como um subproduto da cultura de massa a ser consumido por jovens desajustados ou alienados) e considerados por outros apenas como um veículo para promover os valores do estilo de vida norte-americano (o chamado *American way of life*), o fato é que os Quadrinhos hoje gozam de outro status. Seus personagens, especialmente os super-heróis, estão presentes em todas as mídias atualmente, e sua popularidade se mantém alta, alcançando diferentes faixas etárias, classes sociais e segmentos culturais.

Desde o seu começo, os Quadrinhos de Super-Heróis percorreram um longo caminho até que pudessem *superar* (com o perdão do trocadilho) o estigma social de *arte menor* e fossem percebidos como dignos representantes da cultura *pop*. Uma verdadeira jornada heroica! Hoje, a *Nona Arte* ou *Arte Sequencial* (como preferem alguns)³, com seus protagonistas fantásticos e heroicos, é objeto de análise em trabalhos acadêmicos, em círculos jornalísticos e, quem diria, até em obras que se destina a tratar de Teologia.

E falando em Teologia, o que ela pode ter em comum com os superseres das HQs? Para entender como o diálogo em questão pode se processar, este estudo abordará, em um primeiro momento, a capacidade que o Cristianismo apresentou, desde seus primórdios, de dialogar com elementos de outras culturas, incorporando-os muitas vezes ao seu sistema religioso, todavia sem comprometer sua essência. A fim de cumprir sua missão evangelizadora, a fé cristã se deparou com a necessidade de se tornar compreensível no mundo de então, profundamente influenciado pelo pensamento grego. Assim, demonstrando notável habilidade de *inculturação*⁴, a

³ Cf. OLIVEIRA, Clenir Bellezi de. **Literatura em contexto: a arte literária luso-brasileira** – Parte I. São Paulo: FTD, 2015, p. 15. (360º).

⁴ Por *inculturação* aqui, entende-se a adaptação da prática da fé cristã ao contexto cultural em que se quer difundir-la. Não confundir com *aculturação*, que acontece quando um conjunto de fenômenos

Igreja pôde dialogar com a mesma civilização que, séculos antes, havia dado vida aos grandes heróis da Antiguidade. Nesse encontro, o Cristianismo não apenas deu novo significado a elementos da cultura helênica, assumindo-os em sua *práxis*, como também, em alguns casos, aparentemente apenas emprestou uma nova roupagem a antigas tradições gregas. E, como resultado dessa associação, à luz dos valores cristãos, a figura do herói aos poucos foi ganhando nova definição, novos contornos: não mais um guerreiro determinado a lutar até a morte para defender a própria honra, mas alguém disposto a entregar sua vida, caso fosse preciso, por sua fé e pela causa dos mais fracos.

Em um segundo momento, o mito dos heróis gregos será examinado a fim de se buscar entender o fascínio que tais personagens fantásticos sempre exerceram no imaginário popular da civilização ocidental. Partindo dessa pesquisa, bem como do já citado diálogo entre a cultura grega e a cristã, o ponto seguinte do estudo será uma breve análise daquele que é considerado o primeiro super-herói das Histórias em Quadrinhos, o *Superman* (chamado eventualmente de *Super-Homem* no Brasil). Tendo sido concebido originalmente como um amálgama pós-moderno de heróis da Antiguidade em diálogo com conceitos filosóficos e valores judaico-cristãos, o *Homem de Aço*, em muitos sentidos, serviu de modelo e referência para os demais super-heróis, influenciando outros autores na criação e caracterização de seus personagens dali por diante.

Por fim, a última parte do presente artigo trabalhará a ideia de que as Histórias em Quadrinhos de Super-Heróis, guardadas as devidas proporções, conservam certa relação com a *Literatura Fantástica*, a qual, em outros estudos, já foi apresentada como um *locus* teológico fecundo.

E assim, considerando essa capacidade da fé cristã: 1) de se inculturar, buscando diferentes canais linguísticos através dos quais possa se expressar; 2) de dialogar com outras culturas (como a greco-romana); 3) e de ressignificar mitos antigos (como aqueles em torno da figura do herói), revestindo-os com valores bíblicos, muitas vezes sem abrir mão do seu elemento fantasioso; e após relacionar essas narrativas heroicas e fantásticas com os quadrinhos atuais, a parte final do presente texto proporá que as *Histórias em Quadrinhos de Super-Heróis* sejam percebidas não mais como somente um produto de consumo de massa (atraente apenas para o público infanto-juvenil), mas como uma legítima forma de arte da sociedade contemporânea e um veículo cultural onde se possa (por que não?) conjugar princípios éticos e temas ligados à Teologia. Enfim, contrariando muitas expectativas, um inusitado, porém possível, espaço teológico.

VOCAÇÃO E DESAFIO DA FÉ CRISTÃ: SUA COMUNICAÇÃO

De acordo com as palavras do próprio Jesus, como se lê, por exemplo, no *Evangelho de Mateus*, pode-se afirmar que a fé cristã já nasceu com a missão de se fazer comunicar a todos. Ao final do primeiro evangelho canônico, o Mestre comissiona: “Portanto, vão e façam discípulos de todas as nações, batizando-os em nome do Pai e do Filho e do Espírito Santo, ensinando-os a obedecer a tudo o que eu lhes ordenei”⁵.

leva um grupo humano, em contato contínuo com outro grupo humano de cultura diferente, a adotar os valores culturais desse outro grupo.

⁵ Mateus 28,19-20. Cf. BÍBLIA. Português. **Bíblia de estudo NVI**. São Paulo: Vida, 2003.

No entanto, acompanhando o imperativo da comunicação, surgiu também a necessidade de se viabilizar o discurso, ou seja, de garantir que os elementos da mensagem cristã fossem devidamente apreendidos por aqueles que a recebiam. Assim, tornou-se essencial elaborar um discurso teológico que fizesse sentido naquele contexto, e que estivesse à altura da importante missão de evangelização do mundo conhecido de então. Considerando essa questão, o teólogo Alessandro Rodrigues Rocha desenvolveu, no livro *Teologia sistemática no horizonte pós-moderno*, o conceito de que todo discurso teológico tem como núcleo gerador de sentido “a experiência cognoscibilizada de fé”⁶. Ele prossegue:

A experiência de fé é o evento originador de toda a preocupação religiosa e de todo o sistema religioso em geral. Essa experiência em si mesma, porém, em sua dimensão exclusivamente subjetiva, não subsiste, pois precisa comunicar-se, tornar-se compreensível e, por fim, tornar-se reprodutível. Sendo em si intraduzível, como se tornar comunicável?⁷

Como visto acima, a constatação do autor, quanto à necessidade que a experiência de fé possui de ser reproduzida/comunicada em termos compreensíveis, o levou a uma indagação: como traduzir uma experiência que é tão subjetiva a ponto de alguns alegarem não ser possível transmiti-la em linguagem humana? Não raro, há momentos na vivência diária das relações de um indivíduo em que lhe faltam palavras para expressar o que sente; este não consegue, em linguagem humana, dar voz às emoções que lhe afligem ou excitam. Como, então, falar de verdades e de um Deus que lhe escapam?⁸ Há mesmo alguns que chegam a dizer que, como Deus não cabe em nossas palavras e conceitos, a melhor forma de se falar sobre Ele é através do silêncio...

Pois bem! Foram com ideias paradoxais como essas que as primeiras comunidades cristãs tiveram de lidar quando de suas elaborações teológicas. Mas, não apenas elas... A verdade é que, a despeito de tempo, espaço e linhas doutrinárias, os elementos paradoxais sempre estiveram presentes na Teologia cristã. Por exemplo: em diálogo com a fala de Alessandro Rocha, Donald M. Baillie escreveu, cerca de cinquenta anos antes, ao se referir aos paradoxos da fé cristã, que

⁶ ROCHA, Alessandro Rodrigues. **Teologia sistemática no horizonte pós-moderno**: um novo lugar para a linguagem teológica. São Paulo: Vida, 2007, p. 73. No glossário da referida obra, o autor explica que a expressão *cognoscibilização da fé* é um neologismo de que fez uso para identificar o que ele chamou de núcleo da fé. Em suas palavras: “No núcleo da fé há um movimento para tornar a experiência de fé comunicável numa determinada linguagem; a esse processo chamamos cognoscibilização da fé”. Ibid., p. 173.

⁷ Ibid., p. 74.

⁸ Tal percepção quanto à ineficácia das palavras (ditas ou escritas) diante do sagrado ou para se referir a certas verdades subjetivas não é exclusividade da religião cristã. Marilena Chauí, por exemplo, salienta que o ateniense Sócrates, que vivera alguns séculos antes de Cristo, não deixou textos escritos. E, segundo a filósofa, ele assim teria procedido talvez por considerar que “a escrita é muda e que sua mudez cristaliza idéias como verdades acabadas e indiscutíveis”. Chauí apud ROCHA, Alessandro Rodrigues. **Experiência e discernimento**: recepção da Palavra numa cultura pós-moderna. São Paulo: Fonte Editorial, 2010, p. 237. Neste mesmo livro, o autor menciona outro filósofo brasileiro – Danilo Marcondes –, ao afirmar que o método socrático postulava ser a verdade “o resultado de um processo de reflexão do próprio indivíduo, que descobrirá a partir de sua experiência o sentido daquilo que busca”. Ibid., p. 238.

“Deus não pode ser compreendido com palavras humanas ou através das categorias do pensamento finito”⁹. Desenvolvendo sua argumentação, ele conclui:

[...] não conhecemos Deus estudando-o como objeto, a respeito do qual possamos falar na terceira pessoa, numa relação Eu-Ele, como se fôssemos expectadores. Ele escapa a todas as nossas palavras e categorias. Não podemos objetivá-lo ou conceituá-lo. Quando tentamos fazê-lo, caímos logo em contradição.¹⁰

E, como resultado lógico de suas ponderações, o teólogo escocês fatalmente deparou-se com um questionamento similar ao de seu colega brasileiro, ainda que expresso de outra forma:

Como possuir uma Teologia, uma vez que a Teologia está obrigada a objetivar Deus, a falar dele na terceira pessoa, com palavras humanas e categorias da mente finita? A resposta é que, na verdade, devemos assim proceder, se desejarmos alguma Teologia, e devemos ter Teologia.¹¹

Diante de tais indagações, e reverberando a constatação de Baillie acerca da necessidade da Teologia, retoma-se o pensamento de Alessandro Rocha, para quem a resposta a tais perguntas – desde sempre presentes no pensamento cristão – envolve um conceito a que ele chamou de *mediação cultural*. Ou seja, para que uma experiência de fé (com seu caráter subjetivo) seja transformada em um discurso sistemático, podendo ser comunicada em termos teológicos em determinado tempo e lugar, a cultura onde se vive (meio externo) precisa se propor a mediar esse processo, como “veículo linguístico adequado”, fornecendo os “signos necessários à sua comunicação”¹². Complementando sua análise, o autor situa a mediação cultural, portanto, como o espaço onde se elabora o “método de acesso à experiência de fé” (isto é, o *locus metodológico*¹³), conceituando-a, também, como “a parteira que arranca das entranhas da experiência de fé aquilo que virá a ser o discurso sistemático”¹⁴.

Desenvolvendo seu estudo sobre a questão da mediação cultural, o teólogo argumenta que, no caso do discurso teológico-cristão, houve muito cedo uma aproximação entre este e o pensamento filosófico grego. A questão é que, naquele contexto de propagação da fé cristã, para que a Igreja pudesse levar adiante a mensagem do evangelho em um mundo profundamente influenciado pelo pensamento helenístico, ela precisou

traduzir seu conteúdo religioso em termos racionais, para que fosse acessível ao pensamento e à tradição gregos. No segundo século, iniciou-se a helenização do ensinamento cristão e da linguagem

⁹ BAILLIE, Donald M. **Deus estava em Cristo**: ensaio sobre a encarnação e a expiação. 4. ed. São Paulo: ASTE, 2012, pp. 108-109.

¹⁰ Ibid., p. 109.

¹¹ Ibidem.

¹² Cf. ROCHA, **Teologia sistemática no horizonte pós-moderno**, p. 74.

¹³ No glossário da já referida obra, Alessandro Rocha define *locus* como “o lugar original e originante do discurso teológico. Significa dizer que *locus* é o lugar/o ponto de onde partimos para falarmos de fé”. Ibid., p. 175.

¹⁴ Ibid., p. 82.

teológica, nascida desse encontro. Preparou-se desse modo a expansão do cristianismo.¹⁵

Com base em todo o exposto acima, e concluindo esta parte, pode-se afirmar que a cultura grega, que “conquistara” até mesmo os dominadores romanos¹⁶, serviu ao cristianismo em seus inícios – o que se percebe, sobretudo, quando se estuda os primeiros filósofos cristãos (como Justino Mártir, Clemente e Orígenes) – como mediação cultural “no processo de produção teológica”¹⁷.

O DIÁLOGO ENTRE A TEOLOGIA CRISTÃ E O PENSAMENTO GREGO

Como o objetivo deste artigo é tratar da relação entre *Teologia e História em Quadrinhos*, não se pretende abordar aqui detalhes acerca da aproximação do pensamento cristão à Filosofia grega. Porém, é fato que a Teologia cristã há muito – já no primeiro século da Era Cristã – dialogava com as tradições helenísticas, como observam alguns autores.

Um deles é o exegeta Gilvander Luís Moreira, autor do livro *Lucas e Atos: uma teologia da história*. No escrito em questão, Moreira observa que a chamada obra lucana, elaborada, como supõe, entre os anos 80 e 90 d.C.¹⁸, aparentemente dialoga não apenas com as tradições judaicas (o que todo estudioso da Bíblia sabe), como também com as egípcias e gregas. Para exemplificar seu ponto de vista, ele alega que “O tema de um santo que viria a este mundo por um nascimento virginal era conhecido tanto em círculos judaicos como em tradições helenísticas e egípcias”¹⁹.

Começando sua analogia pela terra dos faraós, o autor escreve que “No culto egípcio do sol, celebrava-se o nascimento desse astro na passagem do dia 24 para o dia 25 de dezembro e a comunidade assim se manifestava: ‘A virgem pariu; a luz vem surgindo’. O rei do Egito – assim se imaginava – era gerado por Deus”²⁰.

Prosseguindo em sua análise, agora relacionando o assunto ao pensamento helenístico, Moreira salienta que Lucas – segundo a tradição cristã, um gentio, um não-judeu²¹ – procurou, com sua versão da narrativa evangélica, embora em diálogo com a cultura judaica, responder também às aspirações dos gregos:

Com a sua narrativa da anunciação, o evangelista soube tornar compreensível a virgindade da mãe do Messias, a grandeza desse Messias como Filho de Deus, sua realeza externa e sua geração pelo Espírito Santo. Assim como o solstício do verão segue o do

¹⁵ Ibid., p. 50.

¹⁶ Aludindo a esta “vitória intelectual” dos derrotados gregos sobre os conquistadores romanos, escreveu o poeta latino Quinto Horácio Flaco: *Graecia capta, ferum uictorem cepit et artes intulit agresti Latio* (“A Grécia vencida venceu o feroz vencedor e introduziu as artes no Lácio inculto”). Cf. BRANDÃO, Junito de Souza. **Mitologia grega**. Petrópolis, RJ: Vozes, 1986, p. 345. v. 1.

¹⁷ ROCHA, **Teologia sistemática no horizonte pós-moderno**, p. 55.

¹⁸ Cf. MOREIRA, Gilvander Luís. **Lucas e Atos: uma teologia da história: teologia lucana**. 2. ed. São Paulo: Paulinas, 2012, p. 15. (Bíblia em Comunidade. Teologias Bíblicas, 12).

¹⁹ Ibid., p. 117

²⁰ Ibidem.

²¹ Para J. Fitzmyer, Lucas era “provavelmente um cristão convertido do paganismo, originário de Antioquia”, na Síria, e de “cultura grega ou helenista”. Fitzmyer apud MOREIRA, *ibid.*, p. 12. Se considerarmos que Lucas tenha sido uma personalidade histórica, sua origem helenística talvez explique, em parte, a abordagem que faz da narrativa do evangelho de Cristo.

inverno em uma distância de seis meses, assim Jesus nasce seis meses depois de João, o Batista. Com ele, a luz da graça divina brilha na friagem do nosso mundo.²²

Finalizando sua explanação com sensibilidade, Gilvander Luís Moreira sugere que, antes que os teólogos hodiernos falassem em diálogo inter-religioso, Lucas já o havia feito séculos atrás: “Com as tradições de diversas correntes religiosas como pano de fundo, ele formulou a mensagem do mistério de Jesus de tal maneira que pessoas de todas as culturas religiosas podem entender o que, em Jesus, Deus lhes concedeu”²³. Essa percepção ecumênica do texto de Lucas constitui, talvez, um dos aspectos mais significativos da teologia lucana.

E por falar em Teologia, retomando o tema desta seção – que é a associação daquela com o pensamento helenista –, convém lembrar que o próprio vocábulo provém do mundo grego. Alessandro Rocha explica assim o contexto original em torno da palavra *teologia*:

Foi no mundo grego que o termo teologia lançou suas raízes, pois nos teatros gregos havia acima do palco um lugar chamado “*theologeion*” onde apareciam os deuses. Esse verbo “*theologéo*” significava discursar sobre os deuses. Teologia exprimia a ciência das coisas divinas. O teólogo era aquele que falava sobre os deuses ou sobre os poetas, como Hesíodo e Orfeu.²⁴

Com o advento do Cristianismo, o termo ganhou novo significado. Nos círculos cristãos, a palavra *teologia* passou a ser percebida como *ciência de Deus*, ou seja, como um discurso sobre Deus, sobre Cristo e/ou sobre a Trindade²⁵.

Contudo, embora em alguns casos o Cristianismo tenha esvaziado e dado novo significado a elementos da cultura grega, em outras situações, a Igreja aparentemente os revitalizou também, ao que tudo indica dando apenas uma nova roupagem a mitos que estavam fadados ao desaparecimento²⁶.

²² Ibid., p. 117. A fala do exegeta ganha sentido quando consideramos que no mundo greco-romano o sol e certos eventos relacionados a ele – por exemplo, o solstício, além de algumas festividades, como a do *Sol Invicto*, comemorada em 25 de dezembro (data adotada posteriormente pelos cristãos como o dia do nascimento de Cristo) – eram associados a Apolo, o *deus-sol*. Ou seja, Gilvander Luís Moreira parece sugerir que Lucas buscou familiarizar seus leitores gregos com sua narrativa do evangelho, criando uma identificação entre elementos pagãos e cristãos, como, por exemplo, associando o nascimento de Cristo ao solstício de verão. Sobre o dia do Sol Invicto, cf. MELO, Jansen Racco Botelho de. **Entusiasmo e poder: uma história do cristianismo**. Petrópolis, RJ: [s.n.], 2013, p. 54. Sobre o mito de Apolo, cf. BRANDÃO, Junito de Souza. **Mitologia grega**. Petrópolis, RJ: Vozes, 1987, pp. 83-111. v. 2. (na p. 85, inclusive na respectiva nota de rodapé, o autor tece comentários sobre a gradativa associação do deus olímpico com *Hélio*, outra divindade do panteão helênico que anteriormente personificava o sol, e que acabou por ser suplantado por Apolo na cultura grega).

²³ MOREIRA, op. cit., p. 118.

²⁴ ROCHA, Alessandro Rodrigues. **Introdução à teologia**. Carangola, MG: FAFILE, 2012, pp. 17-18. (Teologia em Movimento). Obs.: *Hesíodo* foi um poeta grego que viveu em fins do século VIII a.C., e cujas obras celebravam os deuses e seus feitos. Para mais detalhes sobre sua vida e obra, cf. BRANDÃO, **Mitologia grega**, pp. 147-182. v. 1. Já *Orfeu*, embora também poeta, era um personagem lendário. Sobre o mito de Orfeu, cf. BRANDÃO, **Mitologia grega**, pp. 141-171. v. 2.

²⁵ Cf. ROCHA, **Introdução à teologia**, p. 18.

²⁶ O mesmo também se observou da parte da Igreja em relação a certos mitos romanos, como sugere Junito de Souza Brandão: “No dia quinze de agosto, em Roma, para homenagear a grande deusa-Lua, celebrava-se a Festa das Tochas, que a Igreja substituiu pela Assunção de Maria. Desmitificando e dessacralizando o mito, a Igreja o sublimou, revestindo-o com nova indumentária.

Iniciando esta explicação pela relação da Filosofia grega com o mito, vale a pena registrar o que Marilena Chauí propõe no livro *Convite à filosofia*. A filósofa apresenta uma questão que, por muito tempo, dividiu os estudiosos do assunto: “a Filosofia nasceu realizando uma transformação gradual sobre os mitos gregos ou nasceu por uma ruptura radical com os mitos?”²⁷ A despeito das respostas que começaram a ser dadas a partir do final do século XIX, as quais Chauí considera exageradas, a autora conclui seu pensamento afirmando que, atualmente, entende-se que a Filosofia, “percebendo as contradições e limitações dos mitos, foi reformulando e racionalizando as narrativas míticas, transformando-as numa outra coisa, numa explicação inteiramente nova e diferente”²⁸.

Em resumo, enquanto os gregos acreditavam ser o mito um discurso que, grosso modo, revelava “a origem de todos os seres e de todas as coisas”, discurso esse narrado pelo poeta-rapsodo – escolhido dos deuses para tal missão, o que tornava sua fala “incontestável e inquestionável”²⁹ –, a Filosofia buscava “uma explicação racional sobre a origem do mundo e sobre as causas das transformações e repetições das coisas”³⁰.

Acerca deste mesmo assunto, Alessandro Rocha escreveu que, a fim de desenvolver um discurso unívoco (em outras palavras: que não aceitaria ser contestado), a Teologia cristã dialogou intimamente com a Filosofia grega, uma vez que esta, como já foi dito, apresentando-se como um “discurso acerca da realidade”, buscou emancipar toda uma ordem social que se encontrava estruturada em um universo mítico³¹.

Todavia, embora a Igreja, de certa forma, tenha se beneficiado com a análise racional proposta pela Filosofia ao que antes se explicava por meio do mito, há autores que defendem que o contrário também ocorreu. Como sugerido acima, aparentemente o Cristianismo também ajudou a dar novo fôlego a elementos que antes eram alimentados pela Mitologia.

É o que defende o mitólogo Junito de Souza Brandão. Ele inicia sua argumentação comentando, no primeiro volume da obra *Mitologia Grega*, que o cristianismo “adotou da mitologia tantos significantes e tantos símbolos [...] com o fito de atrair os pagãos para a verdadeira fé e para o escândalo da cruz”³². Porém, conquanto a tradição mitológica viesse sendo combatida por pensadores e reformadores já há alguns séculos, Brandão chega a alegar que o Cristianismo, sob muitos aspectos, “salvou a mitologia: dessacralizou-a de seu conteúdo pagão e ressacralizou-a com elementos cristãos, ecumenizando-a”³³. A fim de exemplificar seu argumento, ele cita uma fala de Mircea Eliade:

O conselho é do Papa Inocêncio III: ‘É para a lua que deve olhar todo aquele que se acha enterrado na sombra do pecado e da iniquidade. Tendo perdido a graça divina, o dia desaparece. Não há mais sol. Que se dirija a Maria: sob sua influência, milhares encontram diariamente seu caminho para Deus’. A simbologia é perfeita: Cristo é o *sol*; Maria, a *lua*. É comum, aliás, ver-se a estátua da Mãe de Deus sobre um Crescente Lunar”. BRANDÃO, *Mitologia grega*, p. 78. v. 2.

²⁷ CHAÚÍ, Marilena. *Convite à filosofia*. São Paulo: Ática, 2000, pp. 31-32.

²⁸ *Ibid.*, p. 34.

²⁹ *Ibid.*, p. 32.

³⁰ *Ibid.*, p. 34.

³¹ Cf. ROCHA, *Teologia sistemática no horizonte pós-moderno*, p. 25.

³² BRANDÃO, *Mitologia grega*, p. 33. v. 1. Obs.: esta prática cristã relaciona-se com o que foi dito no início a respeito da habilidade de *inculturação* da Igreja.

³³ *Ibidem*.

Cristianizados, deuses e locais de culto da Europa inteira, [...] receberam eles não somente nomes comuns, mas também reencontraram, de certa forma, seus próprios arquétipos e, por conseguinte, seu prestígio universal. Uma fonte da Gália, sagrada desde a pré-história, por causa da presença de uma figura divina local ou regional, torna-se santa para toda a cristandade, após ser consagrada à Virgem Maria. Os matadores de dragões são assimilados a São Jorge ou a um outro herói cristão; os deuses das tempestades o são a Elias. De regional e provincial, a mitologia tornou-se universal.³⁴

Como se pode ver, o diálogo entre a Teologia e a cultura grega não beneficiou apenas a primeira, mas a segunda também. O que sugere ser possível conciliar certos princípios da fé cristã com elementos e personagens (diga-se *fantásticos*), como aqueles que povoavam o imaginário popular na Hélade.

E por falar na Hélade e em seus ilustres personagens...

HÉLADE, O BERÇO DOS HERÓIS (E DE OUTRAS CRIATURAS FANTÁSTICAS)

Inicia-se esta seção com um esclarecimento: o termo *Hélade* refere-se ao território que viria a ser ocupado, a partir de 1950 a.C. aproximadamente, pelos invasores “gregos” (povos bárbaros indo-europeus). Só mais tarde passou-se a utilizar o nome *Grécia* para designar o país em questão³⁵. Enfim, diante do exposto, pode-se afirmar que a Hélade representava a Grécia “antes da Grécia”.

Mas, a questão que se pretende abordar aqui é o fato de que, de um longo processo sincrético, resultado de sucessivos encontros entre povos e práticas religiosas distintas³⁶, a Hélade viu nascer uma das tradições mitológicas mais ricas e diversificadas da humanidade, a qual deu vida a uma imensa profusão de personagens fantásticos: deuses, monstros e, sobretudo, *heróis*.

E é justamente sobre este último grupo – o dos heróis gregos – de que tratará esta parte do artigo. Etimologicamente falando, o termo *herói*, consoante Junito de Souza Brandão, significaria “o guardião, o defensor, o que nasceu para servir”³⁷. Seja como for, é fato que o herói é um personagem presente em todas as culturas antigas e modernas, mas, como observa o autor,

foi particularmente na Hélade que a “estrutura”, as funções e o prestígio do herói ficaram bem definidos e, como acentua Mircea Eliade, “apenas na Grécia os heróis desfrutaram um prestígio

³⁴ Eliade apud BRANDÃO, **Mitologia grega**, pp. 33-34. v. 1. Obs.: Brandão define *arquétipo* como “modelo primitivo, ideias inatas”. Ibid., p. 37 (nos dicionários, seria algo como “modelo perfeito ou ideal, que pode, portanto, ser seguido”).

³⁵ Junito de Souza Brandão explica, em nota de rodapé, que o termo *grego* era originalmente um adjetivo. Como substantivo – *os Gregos* –, “a denominação somente apareceu tardiamente, após Aristóteles, substituindo, por vezes, [...] os Helenos. A extensão do termo *Grego* e sua aplicação a todos os Helenos se deveu, ao que parece, aos Romanos”. BRANDÃO, **Mitologia grega**, p. 45. v. 1.

³⁶ A Hélade foi invadida, gradativamente, por diferentes grupos indo-europeus, embora estes talvez compartilhassem originalmente, como se pensa, certos traços linguísticos e religiosos: os *Jônios* teriam chegado por volta de 1950 a.C.; os *Aqueus* (e talvez também os *Eólios*), cerca de 1580 a.C.; e os *Dórios* em aproximadamente 1200 a.C. Cf. BRANDÃO, **Mitologia grega**, pp. 43-44. v. 1.

³⁷ BRANDÃO, Junito de Souza. **Mitologia grega**. Petrópolis, RJ: Vozes, 1987, p. 15. v. 3.

religioso considerável, alimentaram a imaginação e a reflexão, suscitaram a criatividade literária e artística”.³⁸

Sem a intenção de adentrar a profundidade do mito, o herói, na cultura grega, em linhas gerais, era retratado como um guerreiro, um combatente intrépido e, não raro, solitário; alguém cuja coragem e determinação o levavam a realizar feitos sobre-humanos, lutando contra monstros, tiranos ou outras entidades que afligiam a sociedade. Muitos reverenciavam os heróis como tendo sido os fundadores de suas cidades, protegendo-as (assim também como as tropas gregas) não apenas em vida, mas mesmo após a morte, em tempos de guerra³⁹.

E, apesar de as tradições religiosas quase sempre atribuírem a origem dos heróis da Antiguidade à união entre um deus e uma mortal (Hércules, Perseu etc.), ou de uma deusa com um mortal (Aquiles), havia mesmo aqueles que acreditavam terem sido eles personagens reais, cujos feitos admiráveis, celebrados no passado, foram sendo exagerados com o tempo.

Esta tendência (de se historicizar certos personagens da Mitologia Grega) verificou-se, por exemplo, no filósofo alexandrino *Evêmero*, entre os séculos IV e III a.C. Em sua *História Sagrada*, “espécie de romance sob forma de viagem filosófica”, Evêmero afirma

haver descoberto a *origem dos deuses*. Estes eram antigos reis e heróis divinizados e seus mitos não passavam de reminiscências, por vezes confusas, de suas façanhas na terra. O Evemerismo, por conseguinte, nada mais é do que a tentativa de explicar o processo de apoteose de homens ilustres. [...] Afinal, os deuses não passavam de transposições, através da apoteose e da reminiscência, um tanto desordenada, das gestas de reis e de heróis primitivos, personagens autenticamente históricas... O próprio Evêmero, aliás, diz ter encontrado na Ilha dos Bem-Aventurados um templo dedicado a Zeus. Neste templo se conservava uma coluna de ouro em que o próprio *deus*, quando ainda vivia como simples mortal, gravava a história da humanidade!⁴⁰

Seja como for, tenham sido eles inspirados em personagens reais ou apenas mito, o fato é que, a despeito de seus defeitos e excessos (muitos, por sinal!), deuses e heróis sempre despertaram a curiosidade e o fascínio dos meros mortais. E, às vezes, mais que isso... Na cultura helênica, em dado momento, eles foram acolhidos como um remanescente de conforto em meio à desventura, um símbolo de unidade e de identidade nacional, um pavio de esperança apontando para um futuro mais digno e seguro, alimentando os sonhos de um povo que almejava reviver as glórias do passado.

Este capítulo dramático na história da Hélade tem lugar quando da invasão dos Dórios àquela região por volta de 1200 a.C., em um violento processo

³⁸ Ibidem.

³⁹ O historiador grego Plutarco informa que, na batalha de Maratona, contra os invasores persas, o herói mitológico *Teseu* fora “visto” à frente do exército ateniense. Em outra ocasião, na batalha de Salamina, empreendida também contra os persas, o herói-serpente *Quicreu* teria sido “identificado sobre uma das naves gregas”. Quanto a essas e outras “aparições” heroicas *post mortem*, cf. BRANDÃO, **Mitologia grega**, pp. 42-43. v. 3.

⁴⁰ BRANDÃO, **Mitologia grega**, pp. 31-32. v. 1.

expansionista. Na ocasião, não apenas a chamada Grécia continental, mas também várias ilhas e demais territórios em torno do mar Mediterrâneo vivenciaram uma verdadeira “desagregação política, religiosa e cultural”⁴¹. Essa catástrofe mergulhou a outrora orgulhosa e gloriosa civilização helênica em um período de caos e obscurantismo. Como observa Junito Brandão, cidades importantes foram destruídas e incendiadas. Além disso,

A escrita, embora de caráter administrativo, desapareceu ou deixou de ser usada. O contato e o comércio com o mundo exterior foram reduzidos a quase nada. A extraordinária arte micênica entrou em franca decadência. Durante pelo menos três séculos a “Grécia ficou isolada, empobrecida, paroquial”.⁴²

Como resultado da ocupação dórica, muitos fugiram e procuraram abrigo nas antigas colônias gregas, como aquelas situadas na Ásia Menor, onde outrora seus antepassados haviam pisado como conquistadores. Embora inicialmente indigentes, sentindo-se sem pátria e longe da proteção de seus deuses locais, esses refugiados gregos começaram a se reorganizar em seu novo lar. No coração, apenas um orgulho que moldaria suas vidas, expectativas e poemas dali por diante: a lembrança das conquistas de sua civilização. Recorrendo novamente a Junito Brandão:

O passado era sua riqueza: viviam [...] na doce lembrança da presença de uma ausência. Herdeiros da raça da idade dos heróis, tinham na lembrança que esta terra a que chegavam como suplicantes, seus ancestrais haviam-na pisado como conquistadores. [...] Seus poetas e aedos, rememorando-lhes este passado, alimentavam-lhes o sentimento e o orgulho de serem descendentes de uma idade heróica.⁴³

Dessas tradições orais recheadas de reminiscências heroicas, nasceram os célebres poemas épicos *Ilíada* e *Odisseia*, compostos, como se acredita, por Homero, poeta natural provavelmente da Jônia, entre os séculos IX e VIII a.C.⁴⁴. Em ambas as obras, deuses (devidamente antropomorfizados) e, sobretudo os heróis, lutavam contra as adversidades da guerra e da vida, impostas pela força do destino, do qual ninguém conseguia fugir.

Ao lembrar os feitos de seus antigos campeões, revestindo-os de toda uma aura mítica, mesclando fatos históricos com lendas ancestrais, os gregos “asiáticos” resgatavam e remodelavam sua cultura e, ao mesmo tempo, sua dignidade e esperança.

Consequentemente, com o tempo, essas características do herói da Antiguidade – compreendido simultaneamente como um ideal e um agente de

⁴¹ Ibid., p. 100.

⁴² Ibid., p. 105.

⁴³ Ibidem. Obs.: grosso modo, os *aedos*, na Grécia antiga, eram cantores que apresentavam suas composições ao som de cítaras.

⁴⁴ Em fascículo complementar incluído no livro *Odisséia*, da Editora Nova Cultural, lê-se que a Jônia era “um antigo distrito da costa ocidental da Anatólia, que hoje constitui a parte asiática da Turquia”, embora outras cidades gregas também reivindicuem a honra de ser o local do nascimento de Homero. Para mais detalhes sobre a *Ilíada* e a *Odisseia*, sobre o contexto histórico por trás dessas obras e/ou sobre Homero, cf. HOMERO. *Odisséia*. São Paulo: Nova Cultural, 2002, pp. 9-14. (Obras Primas). Para este fim, cf. igualmente BRANDÃO, *Mitologia grega*, pp. 115-146. v. 1.

transformação, de libertação e de esperança – foram sendo maximizadas na literatura e em outras formas de arte, enraizando-se no imaginário popular.

No contexto da Psicanálise, o Dr. Nairo de Souza Vargas – psiquiatra e analista junguiano – ilumina o que foi dito acima ao afirmar que o herói

é aquele que se exaure na sua missão, vive para sua causa. Como seres que não são deuses nem humanos, são intermediários entre o mundo da consciência e o inconsciente. [...] Símbolos fortíssimos de transformação são sempre dotados de forte carga emocional, de grande potencial transformador, trazendo vida nova e fertilizando, a partir do inconsciente, a nossa consciência.⁴⁵

Para o psicanalista, faz-se importante conhecer as características dos heróis, para que se possa compreender melhor a personalidade humana, tanto a nível individual quanto coletivo, pois há uma tendência de que o herói assuma “características próprias do momento cultural de determinada sociedade”⁴⁶. O Dr. Vargas prossegue:

A presença e a compreensão do dinamismo do herói [são] de primordial importância na evolução e estruturação de nossa personalidade. Sempre que algo novo e transformador vai ser implantado em nossa consciência pessoal e coletiva algum dinamismo heróico deverá estar ativado.⁴⁷

Mas, ele também adverte: “Somos humanos e não deuses ou semideuses e por isso devemos ter nos heróis inspiradores e modelos de transformação e não modelos de identificação”⁴⁸. A preocupação do Dr. Vargas, no que tange ao indivíduo se identificar com o arquétipo do herói grego, é que este, em suas façanhas prodigiosas, com certa frequência (ou eventualmente) ultrapassava o *métron* (a medida humana; o limite permissível aos seres humanos), cometendo, paralelamente a atos de bravura, igualmente excessos que culminavam em exacerbada violência, mortes e destruição.

O problema em questão, para o psicanalista, é que “Temos na adolescência uma fase em que por excelência o arquétipo do herói está constelado em nossa personalidade. É a hora da grande batalha para se sair do mundo parental, para a morte simbólica dos pais e do filho, para assim poder surgir o indivíduo, o adulto”⁴⁹. Daí, o alerta do Dr. Vargas quanto ao perigo de se ficar indefinidamente identificado com o arquétipo do herói, pois assim, a exemplo dos justiceiros da Hélade, haveria o risco de se ultrapassar os limites permissíveis cultivados pela sociedade.

Com base no exposto, talvez se entenda o gosto dos jovens pelas histórias aventurescas de heróis. É provável que eles, querendo se libertar do “jugo” imposto pelos adultos, também imaginem a si próprios rompendo barreiras, ultrapassando os limites determinados por um sistema patriarcalista e pelos laços parentais. Como se cada adolescente ou jovem carregasse um herói dentro de si.

⁴⁵ Vargas apud BRANDÃO, **Mitologia grega**, p. 10. v. 3.

⁴⁶ *Ibidem*.

⁴⁷ *Ibid.*, p. 9.

⁴⁸ *Ibid.*, p. 11.

⁴⁹ *Ibid.*, p. 10.

Presumivelmente, talvez o mesmo ocorra na atualidade, em diferentes graus, a muitos indivíduos, seja em momentos de crise, seja diante de uma sociedade desigual e injusta... O fascínio pelos heróis como um movimento de catarse, como uma fuga da realidade, como a ilusão de transferir para eles suas esperanças, ou até mesmo de enxergar a si próprio como um deles.

Considerando todas essas questões – e quem sabe também por certa influência do Cristianismo –, talvez se entenda por que a figura do herói tenha adquirido, com o tempo, mais contornos de “cavaleiro andante”⁵⁰ do que de vingador implacável da própria honra ferida, como se observava nas epopeias homéricas. Ou seja, alguém imbuído dos mais nobres ideais, um valente sempre disposto a defender a justiça e a reproduzir, em sua vida e atuação, certos valores apreçados pela cristandade como bíblicos.

Direcionando o foco agora para a contemporaneidade, é provável supor que, em uma sociedade ocidental alicerçada em valores judaico-cristãos, como se verifica, por exemplo, nos Estados Unidos, alguns tenham percebido o imenso potencial e apelo desta combinação entre os heróis da Antiguidade com princípios bíblicos. Por esse motivo, talvez não seja coincidência que muitos dos criadores de histórias com heróis pós-modernos – os hoje tão alardeados super-heróis – sejam norte-americanos e, curiosamente, de ascendência judaica.

Não se trata de exagero afirmar que o mundo do entretenimento, cujas ideias há décadas bebem da fonte criativa das Histórias em Quadrinhos, não seria o mesmo sem estes escritores e desenhistas norte-americanos⁵¹ de herança semítica. Os mais populares super-heróis de todos os tempos saíram da imaginação e do lápis desses autores: nomes como *Jerry Siegel* e *Joe Shuster* (criadores do Superman); *Bob Kane* e *Bill Finger* (criadores do Batman); *Stan Lee* e *Jack Kirby* (responsáveis pela criação ou cocriação dos principais heróis do *Universo Marvel*, como Capitão América, Homem-Aranha, Hulk, Thor, Quarteto Fantástico, X-Men, Vingadores etc.); e *Will Eisner*⁵² (criador do Spirit), só para citar alguns.

Uma análise superficial desses personagens tenderia a criar certa impressão de que seus idealizadores possuíam uma visão anarquista ou distópica da realidade. Afinal, suas criações podem ser interpretadas como vigilantes/justiceiros que passam por cima de convenções sociais e das instituições legais ao combater o crime com as próprias mãos. No entanto, ainda que suas aventuras espelhem alguns aspectos disfuncionais da sociedade contemporânea, outras leituras também são possíveis, ideias subjacentes à narrativa principal: essas *super-histórias* como uma metáfora da eterna luta do bem contra o mal; como o sonho ou fantasia de ver a justiça alcançando (salvando) a todos, libertando as minorias, a despeito dos interesses das elites dominantes; como um símbolo de acolhimento e inclusão contra a discriminação; como exemplo de altruísmo, de sacrifício de si mesmo em favor de outros. Difícil imaginar conceitos mais heroicos e (por que não dizer também) mais bíblicos!

⁵⁰ Segundo os dicionários, grosso modo, os *cavaleiros andantes* eram heróis que vagavam, de região em região na Idade Média, a procura de aventuras, lutando por causas justas e defendendo os mais fracos e oprimidos.

⁵¹ Obs.: dos criadores citados na sequência, apenas Joe Shuster não era estadunidense; ele era natural do Canadá.

⁵² O prêmio *Eisner*, o “Oscar” da indústria dos Quadrinhos, foi criado em homenagem a este artista, tendo em vista a sua contribuição para a *Nona Arte*.

Talvez não seja por acaso que o Superman, o primogênito de toda essa leva de superseres, seja eventualmente chamado de *samaritano*⁵³ por alguns, em clara alusão à *Parábola do Bom Samaritano*, que se encontra no *Evangelho de Lucas* (Lc 10,29-37).

E pensar que tudo começou com dois jovens imaginativos e talentosos em uma casa simples de um bairro judeu nos EUA... É um pássaro? Um avião? Não... É a próxima etapa do presente estudo.

ALIENÍGENA, META-HUMANO, SUPER-HERÓI... O SUPERMAN COMO VERSÃO PÓS-MODERNA DOS HERÓIS MÍTICOS E METÁFORA DOS VALORES JUDAICO-CRISTÃOS

Em junho de 1938, a editora *National Periodical Publications* – que mais tarde viria a adotar o nome *DC Comics, Inc.*⁵⁴ – lançava uma nova revista no mercado de quadrinhos. Tratava-se da *Action Comics*, e já no primeiro número ela trazia um personagem novo. Novo em todos os sentidos. Era um conceito diferente dos demais. Nascia, assim, oficialmente, aquele que viria a ser considerado o primeiro super-herói da história: o *Superman*⁵⁵. O sucesso foi tão grande que, em pouco tempo, outros personagens foram criados tendo-o como referência, uns quase a sua imagem e semelhança. Além disso, consoante Francisca Jaqueline de Souza Viração – historiadora e mestre em Ciências da Religião –, ele foi o primeiro super-herói a ganhar: uma revista solo (a *Superman*, a partir de maio de 1939); um programa de rádio (1940); uma animação (1941); um longa-metragem (1948); e uma série de TV (1951). Sem dúvida, ele representou, ao mesmo tempo, o início e o símbolo maior da *Era de Ouro* dos quadrinhos de super-heróis⁵⁶.

Como aludido acima, seus criadores foram dois jovens norte-americanos, ambos filhos de imigrantes *askhenazi*⁵⁷, que moravam no bairro judeu de Glenville, em Cleveland, no Estado de Ohio, EUA. Ao longo da década de 1930, Jerome “Jerry” Siegel e Joseph “Joe” Shuster criaram e aprimoraram o personagem,

⁵³ Cf. MORETTI, Caio. Superman: de samaritano a vigilante, a evolução da espécie. In: ROSA, Franco de (Org.). **Os segredos dos super-heróis**. Cotia, SP: Pé da letra, [2020], p. 8. No capítulo em questão, o escritor analisa as reformulações pelas quais passaram os quadrinhos de super-heróis e os próprios personagens nas últimas décadas. O título faz referência às interpretações que diferentes autores deram ao precursor da “espécie”, o *Superman*,

⁵⁴ A *DC Comics* e a *Marvel Comics* são consideradas as duas maiores editoras de quadrinhos de super-heróis do mundo, cada uma com um vasto e extremamente popular panteão de superseres em seu catálogo.

⁵⁵ Cf. SOUZA, Wilson Costa de. Superman clássico: o último adeus do simpático astro pioneiro. In: ROSA, op. cit., pp. 70-72.

⁵⁶ A autora esclarece que a chamada *Era de Ouro* dos quadrinhos se inicia com a criação do Superman, em 1938, indo até 1955, e ficou assim conhecida por representar o período de nascimento dos super-heróis e quando os quadrinhos “vivenciaram seu auge com recordes de vendas e de publicações”. Ainda segundo Viração, após a Era de Ouro vieram, sucessivamente: a *Era de Prata* (1956 a 1974); a *Era de Bronze* (1975 a 1985); e a *Era Moderna* (1986 até o presente). Obs.: essa datação costuma variar de autor para autor. Cf. VIRAÇÃO, Francisca Jaqueline de Souza. “Olhem, lá no céu!” Superman e profetismo judaico. **Teoliterária – Revista de Literaturas e Teologias**, São Paulo, v. 9, n. 19, pp. 173-188, set./dez. 2019, pp. 175-176. Disponível em: <<https://revistas.pucsp.br/teoliteraria/article/view/43761>>. Acesso em: 19 ago. 2020 (às 10h).

⁵⁷ Em seu estudo, Viração explica que os *askhenazi* eram judeus nascidos na Europa Central e Oriental. A historiadora informa que a mãe de Joe Shuster era russa, e que os pais de Jerry Siegel eram da Lituânia. *Ibid.*, p. 177.

oferecendo-o a diferentes editoras, antes que seu projeto fosse finalmente aceito e publicado pela *National Periodical*.

Eram os anos da Grande Depressão americana, e esse fato talvez explique em parte o fascínio que o herói despertou na ocasião, respondendo aos anseios e às expectativas das pessoas naquele contexto, como observa Francisca Viração⁵⁸. Afinal, a saga do Superman era a história de um “imigrante” (no caso dele, um ser vindo de outro planeta) que chegava a uma típica cidade grande dos EUA com o sonho de “vencer na vida”⁵⁹. Ao conseguir emprego como repórter em um grande jornal na cidade fictícia de Metrópolis, paralelamente combatendo o crime nas horas vagas, suas aventuras recolocavam os anseios por justiça e esperança no horizonte de seus leitores.

Quanto à elaboração do personagem, estudiosos enxergam várias referências, as quais teriam servido de inspiração para a criação de Siegel e Shuster. Segundo Wilson Costa de Souza, “As origens do personagem possuem inspirações que variam bastante, desde conceitos envolvendo o lendário Gilgamesh e os deuses gregos até o clássico livro de Philip Wylie: *Gladiator*, publicado em 1930, que é o protótipo mais aceito”⁶⁰.

Alguns sugerem também que, além das referências acima, teria o Superman sido criado em diálogo com o conceito do *Übermensch*: o “super-homem” concebido pelo filósofo alemão Friedrich Nietzsche, no século XIX, como um modelo ideal para a humanidade. Analisando o pensamento nietzschiano, Celito Meier escreve que Nietzsche considerava sua época como que marcada pelo que chamava de “repressão racionalista cristã”. Tal cultura, em sua opinião, estava associada a uma “geração de homens decaídos, fracos”, e “deformava a consciência, trazendo sentimentos de culpa e de pecado onde havia a vivência da espontaneidade humana”. Neste contexto, consoante o filósofo, “Assumir-se como super-homem é deixar fluir a potencialidade humana que existe em cada um”⁶¹. Prosseguindo em sua análise, Meier afirma que:

Tendo como referência a obra *A genealogia da moral*, de Nietzsche, podemos identificar o ponto central de sua crítica: o estilo racionalista de vida moral foi erguido como finalidade repressora e não para garantir o exercício da liberdade, uma vez que impôs, com os nomes de *virtude* e *dever*, tudo o que oprime a natureza humana. Assim, em termos morais, seu objetivo será o nascimento do super-homem, do homem que esteja acima dos valores culturais, que diz sim à vida. Esse novo homem é marcado pelo poder de criação e pela vontade e afirmação da potência humana.⁶²

⁵⁸ Ibid., p. 174.

⁵⁹ Ibid., p. 177.

⁶⁰ SOUZA, op. cit., p. 72. Obs.: *Gilgamesh* é o herói de um antigo poema épico da Mesopotâmia (região que atualmente compreende grande parte do Iraque, além de áreas de outros países vizinhos). Quanto ao livro *Gladiator*, de Philip Wylie, trata-se de uma obra ainda desconhecida do grande público no Brasil, a qual conta a história de um homem – Hugo Danner – que desenvolve poderes sobre-humanos ainda no ventre de sua mãe, graças a um soro inventado por seu pai.

⁶¹ MEIER, Celito. **Filosofia**: por uma inteligência da complexidade. 2. ed. Belo Horizonte: Pax, 2014, p. 310.

⁶² Ibidem.

Ao longo de sua trajetória nos quadrinhos, alguns escritores perceberam tal associação do personagem com a obra de Nietzsche e criaram histórias que exploravam esse potencial filosófico. Uma, em particular, ganhou recentemente, entre outros prêmios, o *Eisner Awards* de *Melhor Série Continuada*. Escrita por Grant Morrison e desenhada por Frank Quitely, a história mostra um Superman com suas capacidades ampliadas, graças a uma superexposição à energia solar, que é a fonte de seus poderes na Terra. No entanto, devido ao excesso de radiação em seu organismo, o herói encontrava-se também perto da morte. Na edição de número 10, realizando sucessivamente feitos extraordinariamente grandiosos, mesmo para alguém tão poderoso como ele, em meio à agitação de tantos salvamentos, um momento singelo... Ele evita que uma jovem se mate, no exato momento em que ela pretendia se atirar do alto de um prédio. Transtornada e depressiva, a moça suicida, anoréxica, vestida em estilo gótico, não havia conseguido uma consulta com seu médico (psiquiatra?) e decidira dar fim à própria vida. O herói a abraça afetuosamente e lhe diz apenas algumas poucas palavras: “Nada é tão ruim quanto parece. Você é muito mais forte do que pensa que é. Confie em mim”⁶³. Os críticos perceberam a referência à filosofia nietzschiana, compreenderam a força da mensagem, e premiam a história como a melhor do ano de 2007. Aliás, o próprio Nietzsche é mencionado nesse número em outro momento, quando, em uma retrospectiva histórica, é visto escrevendo ao mundo sobre o seu “super-homem”⁶⁴.

Contudo, a despeito da frequente associação do personagem com heróis mitológicos e conceitos filosóficos, o que se pretende considerar nesta seção é sua identificação com temas teológicos. Pois há os que percebem, na concepção e caracterização do *Homem de Aço*, certa relação tanto com a Teologia judaica quanto com a cristã.

Partindo de sua relação com a primeira, é interessante notar que o próprio nome *kryptoniano* do herói (o nome de “batismo” em seu planeta natal) – *Kal-El*⁶⁵ – faz alusão à tradição veterotestamentária. Na Bíblia Hebraica, o termo *El* era usado ocasionalmente para se referir a Iahweh (Gn 14,18-20.22: *El Elyon*; Ex 6,3: *El Shaddai* etc.), sendo traduzido geralmente em nossas Bíblias como a palavra “Deus”. E, embora nenhuma característica do personagem o apresente com a função de oráculo, a já citada historiadora Francisca Viração informa que o jornalista Jordan Hoffman, do jornal *The Times of Israel*, escreveu uma matéria sobre o Superman na qual ele menciona que alguns estudiosos traduzem o nome Kal-El como “voz de Deus”⁶⁶.

E Francisca Viração vai mais longe no estudo sobre o *Homem de Aço*. Em seu artigo “*Olhem lá no céu!*” *Superman e profetismo judaico*, publicado na revista *Teoliterária* (ligada à PUC-SP e à PUC-PR), ela propõe que o herói “apresenta paralelos claros com a história de Moisés e padrões que o aproximam dos antigos profetas judeus do Antigo Testamento”⁶⁷.

⁶³ MORRISON, Grant; QUITELY, Frank; GRANT, Jamie. **Grandes astros: Superman**. Barueri, SP: Panini Brasil, n. 10, jun. 2008.

⁶⁴ *Ibidem*.

⁶⁵ Originalmente, o nome kryptoniano do Superman era *Kal-L*, sendo a grafia modificada posteriormente para *Kal-El*. De qualquer forma, em inglês, a letra “L” tem som muito próximo do nome “El”. Obs.: não confundir com *Clark Kent*, que é o nome “terráqueo” que os pais adotivos do herói lhe dão quando o acolhem na Terra.

⁶⁶ VIRAÇÃO, op. cit., p. 183.

⁶⁷ *Ibid.*, p. 173.

Para a historiadora, a origem do personagem, nos quadrinhos, é uma clara alusão aos eventos bíblicos que marcaram o nascimento de Moisés. A princípio, o planeta Krypton era retratado como o lar de uma civilização avançada. No entanto, o pai do bebê Kal-El, o cientista *Jor-El*, descobre que um grande cataclisma condenará o planeta à destruição em breve. Então, sem tempo hábil para descobrir uma forma de evitar o desastre ou para construir uma espaçonave de grande porte, ele constrói um pequeno foguete, com o qual possa enviar o filho recém-nascido ao planeta Terra. Aqui chegando, o bebê será encontrado e adotado por um casal, que o criará em uma fazenda até que, em idade adulta, ele se revele ao mundo como um herói. Para Francisca Viração, fica evidente o paralelo com a história de Moisés. Ela escreve:

em recém-nascido viajando Moisés é uma crocodilos, até	Paralelos com a história de Moisés são inevitáveis se levarmos consideração a origem judaica de seus criadores. Um menino colocado em um foguete pequeno, o último sobrevivente, perigosamente pelo espaço, até chegar em seu destino – a Terra, também um menino que escapa da morte quando pequeno, e fez perigosa viagem dentro de um cesto, pelo rio Nilo, cheio de ser encontrado pela filha de Faraó. ⁶⁸
---	---

Prosseguindo em seu raciocínio, Viração enxerga o herói como um “moderno profeta judeu”. Para tanto, ela evoca o biblista Mauro Negro, para quem a principal característica do profeta é ser “voz de Deus”, sendo sua escolha, por vezes, inesperada. Além do fato de que, na tradição bíblica, o legítimo profeta era visto como alguém que tinha “autoridade sobre reis e o Estado”, denunciando-os inclusive. Portanto, não estava ele “preso a amarras institucionais”. O profeta entendia a si próprio como representando “unicamente a Deus”⁶⁹. Pois bem! Em suas primeiras histórias, antes de enfrentar cientistas loucos, monstros vindos do espaço ou super-vilões, o Superman ajudava as pessoas a lidar com problemas corriqueiros, presentes no dia-a-dia de qualquer cidade. Naquele contexto, seus superpoderes eram devotados a auxiliar o povo, em especial, os oprimidos da sociedade:

batem nas corruptos, uma integração com a	Ao lutar contra decisões equivocadas da justiça, valentões que esposas, patrões que exploram seus empregados, políticos Superman cumpre sua função de herói, mas também apresenta característica presente no profetismo judaico: sua forte realidade social. ⁷⁰
--	--

Concluindo seu pensamento, Viração acrescenta que os padrões morais elevados do herói lhe foram ensinados por seus pais adotivos na Terra, tendo em vista não ter ele convivido com seus genitores kryptonianos. Da mesma forma, na cultura judaica, os valores morais, representados pelas “tradições de Israel”, são aprendidos com os pais, tornando-se “não apenas a base ética, mas também ideais pelos quais se luta e tenta preservar”⁷¹. A historiadora aborda esse último tema a fim de lembrar aos leitores que o contexto da criação do Superman coincide com a ascensão do Nazismo e seus ideais de supremacia racial, que tanto sofrimento

⁶⁸ Ibid., p. 180.

⁶⁹ Ibid., p. 182.

⁷⁰ Ibid., pp. 183-184.

⁷¹ Ibid., p. 184.

causaria, sobretudo, ao povo judeu. Colocando em diálogo todas essas questões, ela arremata:

Superman quer e aponta para histórico nazismo. Kal- porque	Como um profeta judeu do Antigo Testamento, a história do falar. Contra a injustiça, a opressão, sendo um meio de esperança moralidade. Sua história não apenas lembra a de Moisés, mas um povo e um estilo de vida. Os judeus, que já sofriam com o antissemitismo, agora tinham de sobreviver e conviver com o El pertence a uma raça superior, a kryptoniana, mas só é um herói vive a moralidade aprendida com seus pais humanos. ⁷²
--	---

Quanto à relação do personagem com a Teologia cristã, a já referida origem do herói também guarda certa semelhança com relatos presentes no Novo Testamento. A ideia de uma criança enviada a Terra por um pai “celestial” e criada por um casal de camponeses, em uma região do interior do país, até a idade adulta, quando se revela à humanidade para ajudá-la (“salvá-la”), lembra a de certo galileu que andou pela Palestina na primeira metade do século I da Era Cristã.

Cineastas como Richard Donner e Bryan Singer vislumbraram esse apelo religioso do personagem e fizeram a transposição de certas tradições ligadas a Jesus de Nazaré para seus respectivos filmes. Por exemplo, além da clássica história de origem no planeta Krypton e da chegada a Terra, o longa-metragem *Superman*, de 1978, dirigido por Donner, mostra também o jovem Clark Kent (*alter ego* do herói), com cerca de 18 anos de idade, deixando a fazenda onde vivia com seus pais adotivos para se submeter a um exílio autoimposto que duraria 12 anos, período no qual ele aprenderia sobre sua herança kryptoniana e seu papel no mundo. Ele só viria a se revelar à sociedade, começando sua carreira super-heroica (ministério?) já por volta dos seus 30 anos, idade considerada por algumas tradições como sendo também a de Jesus, quando iniciou suas peregrinações e pregações pela Palestina⁷³.

Em outra produção, essa dirigida por Bryan Singer e lançada em 2006, uma cena significativa: em uma das sequências finais, após salvar a Terra de uma catástrofe iminente e de lançar a tal ameaça no espaço, o herói cai do céu inconsciente, com o corpo como que ereto e os braços abertos, em posição provavelmente alusiva a do Cristo crucificado, salvador de toda a humanidade. Em outra cena deste mesmo filme, o Superman é retratado pairando em órbita da Terra, concentrado, captando, com sua super audição, os sons e pedidos de socorro de todo o planeta. É quase como se as vozes humanas, algumas suplicando por ajuda, que ele consegue ouvir por todo o mundo, chegassem-lhe aos ouvidos como orações. Esse dom, aliado a seus poderes óticos (visão telescópica e visão de raios X), soa quase como onisciência, conceito atribuído somente a Deus nas crenças judaica e cristã. Tem-se, afinal, um ser que, embora aparentemente um humano comum, possui características messiânicas e poderes quase divinos⁷⁴.

Caso esta pesquisa avançasse, investigando outras obras sobre o Homem de Aço, possivelmente se encontrariam novos paralelos com a Teologia judaica e/ou

⁷² Ibid., p. 187.

⁷³ Cf. **SUPERMAN: o filme**. Direção: Richard Donner. Produção: Alexander Salkin, Pierre Spengler e Richard Lester. Burbank, California: Warner Bros. Pictures, 1978. 143 min. Obs.: talvez seja apenas coincidência que, no filme em questão, o recém-nascido Kal-El tenha sido colocado por seu pai biológico em uma espaçonave em forma de “estrela”. Ou talvez não...

⁷⁴ Cf. **SUPERMAN: o retorno**. Direção: Bryan Singer. Produção: Jon Peters, Gilbert Adler e Bryan Singer. Burbank, California: Warner Bros. Pictures, 2006. 154 min.

com a cristã. E tal questão não se aplica somente ao Superman, mas também a outros heróis das Histórias em Quadrinhos, tenham sido eles inspirados diretamente no kryptoniano ou não.

Por todas essas razões, considerando que a cultura ocidental, em vários aspectos, cresceu sob a influência da civilização greco-romana (com seus mitos sobre deuses e heróis), concomitantemente apoiada em princípios bíblicos e valores judaico-cristãos, os mesmos com os quais o Superman dialogou desde sua criação, há historiadores que arriscam ser o personagem talvez o mito “mais bem-sucedido do século XX”⁷⁵. Assim sendo, pode-se afirmar que o super-herói – categoria da qual o Superman é o representante maior – é uma metáfora de seu tempo, um produto cultural, um ser em perfeita simbiose, ou seja, um elemento que é, ao mesmo tempo, um reflexo de sua cultura e também o “construtor” dela, como bem observou Francisca Viração⁷⁶.

E se o super-herói é, de fato, também um construtor de sua cultura, seria válido afirmar que as Histórias em Quadrinhos – seu lugar de origem – podem ser compreendidas como um espaço artístico legítimo, a exemplo de outros já consolidados em nossa sociedade, como, por exemplo, a *Literatura Fantástica*.

E, por analogia, considerando que estudos anteriores já apontaram a Literatura Fantástica como um *locus* teológico frutífero, e tendo em vista a reflexão proposta por este artigo desde o início, que é a de estabelecer uma relação entre Teologia e História em Quadrinhos, a próxima seção – o ponto final de nossa viagem – buscará apresentar os Quadrinhos de Super-Heróis como mais um espaço autêntico onde, além do entretenimento, possa-se falar de Teologia com propriedade.

HISTÓRIAS EM QUADRINHOS COMO *LOCUS* TEOLÓGICO

Em livro publicado recentemente – *Teologia e literatura fantástica* –, o teólogo Márcio Simão de Vasconcellos comenta que, para muitos, *Teologia e Literatura* seriam dois campos do saber separados e até contraditórios, o que descartaria, a princípio, qualquer possibilidade de diálogo entre ambos. Sendo mais específico, o autor informa que a Teologia é compreendida geralmente “como a verdade revelada (diretamente por Deus)”, enquanto a Literatura tende a ser vista como uma “ficção elaborada a partir de um desejo meramente estético do ser humano”⁷⁷.

Todavia, contrariando o senso comum, na obra em questão Vasconcellos propõe um caminho inverso, uma nova perspectiva: a Literatura como *locus* teológico, tendo em vista sua capacidade de ressaltar a linguagem metafórica necessária à expressão religiosa. Ele acrescenta que:

por meio
da lente
à

O encontro com o Mistério, com o Sagrado, só pode ser expresso de metáforas. A realidade última é inalcançável, a não ser através proporcionada pela linguagem simbólica e poética. Nosso acesso realidade última sempre é mediado e toda palavra de Deus, para

⁷⁵ VIRAÇÃO, op. cit., p. 174.

⁷⁶ Ibid., p. 177.

⁷⁷ Cf. VASCONCELLOS, Márcio Simão de. **Teologia e literatura fantástica**: a redenção na trilogia cósmica de C. S. Lewis. São Paulo: Reflexão, 2017, p. 160.

ter o que
vista

dizer a homens e mulheres, precisa encarnar e falar do ponto de humano.⁷⁸

A fim de corroborar seu pensamento, o autor lembra que o próprio texto bíblico (que não deixa ser uma obra literária) está repleto dessa linguagem metafórica (simbólica e poética): não apenas nos Salmos, mas também na fala dos profetas, nos ensinamentos de Jesus e em outras narrativas⁷⁹.

Direcionando então o foco do leitor para a *Literatura Fantástica* (gênero literário que, segundo alguns, teria surgido nos séculos XVIII ou XIX), Vasconcellos afirma que a mesma “nos permite perceber a realidade de outro ponto de vista: a história narrada é compreendida como aberta a inúmeras reinterpretações. [...] O fantástico, nesse sentido, constitui uma possibilidade de se enxergar e de se construir a vida”⁸⁰. Por fim, o autor dá uma definição pessoal (em diálogo com outros estudiosos do assunto) à *Literatura Fantástica*, desenvolvendo a ideia de como ela pode se apresentar como espaço propício para a expressão das experiências humanas e teológicas. Em sua opinião:

profundamente o
do
estudos, dos
terror ou humor
senso de
literatura
humanas,
teórica de

De fato, as narrativas vinculadas ao fantástico envolvem leitor, acabando por “tirar-lhe o chão”, isto é, inserem no mundo cotidiano, da vida diária, das contas a pagar, do trabalho, dos relacionamentos, enfim, do dia-a-dia, elementos de surpresa, que não são facilmente assimilados e que devolvem à vida o assombro e mistério. Por tudo isso, podemos afirmar que a fantástica é capaz de transmitir experiências profundamente incluindo aqui as experiências teológicas. Nesse sentido, como já afirmamos, também a literatura fantástica é uma forma não teologia.⁸¹

Consideradas todas as ponderações acima, percebe-se mais do que nunca como a *Literatura Fantástica* pode se constituir em fértil e importante *locus* teológico. E agora, a fim de complementar a presente análise, esta seção abre espaço para incluir as HQs no assunto.

A História registra que o ser humano sempre fez uso de desenhos/imagens como forma de expressar sua percepção da realidade e suas experiências cotidianas e espirituais. A esse respeito testemunham: os desenhos rupestres no interior das cavernas, os quais retratavam situações corriqueiras, além do assombro dos homens pré-históricos diante de um mundo que não compreendiam; as pinturas nas tumbas da nobreza egípcia, representando atividades econômico-religiosas, deuses e faraós

⁷⁸ Ibidem.

⁷⁹ Ibidem. Em conexão com esse pensamento, Alessandro Rodrigues Rocha escreve que, nos primórdios do Cristianismo, a metáfora estava presente “no horizonte das vivências e da comunicação da fé”. Cf. Rocha, **Teologia sistemática no horizonte pós-moderno**, p. 45ss. No entanto, ainda segundo Rocha, tal perspectiva mudou quando do encontro da “mensagem profético-evangélica [...] com o mundo da cultura grega, especialmente com a filosofia do platonismo”. A partir de então, consoante o autor, “A filosofia grega clássica expandida no helenismo, somada sincreticamente a outras práticas filosóficas e religiosas do mundo romano, constituiu o suporte cultural do discurso teológico-cristão”. Ibid., pp. 42-43. Tal encontro culminou no que Rocha denominou de *literalização da metáfora*, ou, dito de outra forma, na negação da capacidade polissêmica que o pensamento cristão tinha a princípio, em favor de um discurso unívoco.

⁸⁰ VASCONCELLOS, op. cit., p. 174.

⁸¹ Ibid., p. 173.

em guerra; a ilustração de episódios mitológicos nas cerâmicas gregas, entre outros...

Tais imagens contavam histórias antes mesmo da invenção da escrita como é conhecida hoje, despertavam ou criavam memórias, preservavam tradições, alimentavam a imaginação de gerações, fomentavam a reflexão e revelavam as visões de mundo de cada povo. Aos olhos do observador, algumas poderiam até sugerir uma ideia de movimento, como se fosse possível prever o que a cena seguinte mostraria, caso no material empregado para o registro da obra (paredes, túmulos, cerâmicas) houvesse espaço para uma *sequência*. Com o tempo, esse jeito imaginativo de contar histórias com desenhos evoluiu para outras formas artísticas, entre elas as Histórias em Quadrinhos atuais, concebidas como uma narrativa gráfica ou sequencial⁸².

Enfim, percebe-se que os Quadrinhos não podem mais ser destituídos de seu valor cultural, pois há tempos estes deixaram de ser encarados como uma distração pueril, como um trabalho sem conteúdo ou profundidade. E, uma vez elevados ao patamar de autêntica forma de manifestação artística na contemporaneidade, seus autores – roteiristas, desenhistas, arte-finalistas, coloristas etc. – também são vistos como capazes de expressar “emoções, estados de espírito e acontecimentos, traduzindo um modo único de perceber a realidade e/ou de transformá-la”⁸³, como convém a todo artista sensível e a toda boa e digna forma de arte. No caso, a *Nona Arte*⁸⁴.

Concluindo, uma vez compreendido que atualmente as Histórias em Quadrinhos são consideradas como uma forma de arte legítima (a qual combina texto e desenhos, criando assim uma narrativa visual), e tendo em vista que as HQs de Super-Heróis se caracterizam igualmente pela presença de elementos fantásticos (a exemplo da Literatura Fantástica), este estudo entende – por analogia – ser naturalmente possível afirmá-las como mais um espaço onde temas teológicos também podem ser abordados. O processo de criação e caracterização do personagem Superman, anteriormente comentado, assim o comprova. E se houvesse mais espaço aqui, outros heróis que povoam esse universo super-heroico poderiam ser igualmente citados como potenciais sujeito teológicos.

Consoante o que foi comentado nas seções anteriores, outros argumentos poderiam ser suscitados em favor da conclusão acima. Na seção dedicada a falar da Hélade, por exemplo, verificou-se que, nos tempos homéricos, os mitos gregos – incluindo aí aqueles relacionados aos seus heróis – contribuíram para resgatar, no coração dos helênicos exilados, o senso de dignidade, enquanto povo de passado glorioso, e de esperança em meio ao caos existencial. E falou-se também como, com o passar do tempo, a figura do herói revestiu-se de conotações mais nobres e menos beligerantes, em diálogo (consciente ou não) com valores atribuídos ao

⁸² Lembrando que *Arte Sequencial* é outra designação pela qual são conhecidas as Histórias em Quadrinhos. Cf. OLIVEIRA, op. cit., p. 15.

⁸³ *Ibid.*, p. 13.

⁸⁴ *Ibidem*. A escritora e professora Clenir Bellezi de Oliveira informa que, em 1911, “o crítico de cinema italiano Ricciotto Canudo escreveu o *Manifesto das Sete Artes*, publicado somente em 1923, em que definia o cinema como a sétima arte. No manifesto, ele ordenou as outras seis de acordo com uma ordem consensual, ou seja, segundo uma maioria que concordava com essa disposição. Mais tarde, historiadores da arte acrescentaram a esse manifesto mais quatro artes, estabelecendo uma ordenação que se consagrou”. Seguindo essa última disposição, a História em Quadrinhos passou a ser vista como a *Nona Arte*, figurando entre a Fotografia (8.^a) e os Jogos Eletrônicos (10.^a).

pensamento cristão. Cada vez mais o herói foi sendo visto com um personagem de caráter altruísta, o que significa afirmar que suas histórias foram se tornando, simultaneamente, terreno propício para a discussão de princípios éticos. E a Ética está intimamente relacionada com os preceitos bíblicos.

Na tradição sapiencial do Antigo Testamento, como se vê, por exemplo, em certos textos de *Provérbios* (Pv 14,21; 31,8-9 etc.), a Ética se revela nas atitudes. O objetivo aqui é instruir que a sabedoria e a justiça precisam caminhar juntas. A sabedoria aos olhos de Deus, portanto, consiste em ser justo para com o próximo. Da mesma forma, também se percebem preocupações éticas na literatura profética: a linguagem empregada nas denúncias e ameaças de muitos profetas revela que o próprio Deus trará seu juízo sobre os que enganam e exploram seu povo (cf. Is 10,1-6; Jr 7,1-15; Am 2,6-7; Hc 1,5-6).

Tais princípios reverberam também pelo Novo Testamento. Para os cristãos, a verdadeira ética é a Ética do Reino de Deus: em Lc 4,16-21, Jesus relê Is 61,1-2 na sinagoga de Nazaré, dando início, assim, ao seu ministério público. Ao escolher este ponto das Escrituras, tal como o profeta pós-exílico⁸⁵, Jesus anuncia

prometido aos Tradições justamente do povo”. lucano, esse expectativas, concreta do	a chegada do <i>ano aceitável do Senhor</i> , um tempo de graça últimos da sociedade desde as tradições jubilares do antigo Israel. essas que “ainda continuam vivas e presentes no tempo de Jesus, pela leitura e releitura desses textos sagrados na vida e na liturgia Na perspectiva do Messias pobre, como testemunha o relato tempo de salvação/libertação, carregado de esperanças e começava a se realizar naquele instante da história, na realidade povo. A profecia se cumprira e o Reino de Deus enfim chegara! ⁸⁶
---	---

A fim de complementar essa questão da Ética do ponto de vista bíblico, sobretudo no que diz respeito à Ética cristã e sua relação com o direito dos oprimidos, faz-se interessante citar o pensamento de Michael Keeling:

questão da percepção necessária conexões humanas é gradualmente ela de Deus sem humano. A transformadora no presente, contínua de Deus.	No século 20 a ética cristã concentrou-se principalmente na justiça social. O potencial radical do cristianismo foi atizado pela de que a transformação social não é apenas possível mas também se quisermos sobreviver dignamente no planeta terra. A busca de entre nossa compreensão de Deus e nossa visão das necessidades antiga, mas foi quase sempre incoerente e esporádica; só ganhou a convicção de que não pode haver compreensão válida uma tomada de posição frente às carências sociais do ser convicção comum hoje é que o Evangelho tem uma vocação no mundo, não só com vistas a um futuro distante mas também e isso mediante nossa participação na ação transformadora A rica criatividade da teologia contextual – em torno da idéia de
---	---

⁸⁵ Obs.: os capítulos 56 a 66 do livro de Isaías são atribuídos pela crítica moderna ao Trito-Isaías, profeta anônimo que teria atuado em Judá após o exílio babilônico.

⁸⁶ PEÇANHA, Emilio Sandro Mesquita. “**Hoje se cumpriu esta escritura em vossos ouvidos**”: a escolha de Jesus pelos últimos da sociedade de ontem e de hoje à luz da teologia de Lucas. 2015. 77f. Trabalho de conclusão de curso (Bacharelado em Teologia) – Universidade do Grande Rio “Prof. José de Souza Herdy”, Escola de Educação, Ciências, Letras e Humanidades, Duque de Caxias, RJ, 2015, pp. 45-46. Obs.: a frase “ainda continuam vivas e presentes no tempo de Jesus, justamente pela leitura e releitura desses textos sagrados na vida e na liturgia do povo” foi extraída do livro: REIMER, Haroldo; REIMER, Ivoni Richter. **Tempos de graça**: o jubileu e as tradições jubilares na Bíblia. São Leopoldo, RS: Sinodal; CEBI; São Paulo: Paulus, 1999, p. 118.

que o Evangelho liberta todas as pessoas de todas as formas de opressão – foi uma das grandes revoluções na história do pensamento cristão⁸⁷.

Relacionando esse tema da justiça social – tão entrelaçado ao tema da Ética cristã – aos Quadrinhos de Super-Heróis, vê-se que suas histórias não trazem apenas demonstrações de poder e de superação por parte dos protagonistas, mas mostram também seu comprometimento com o outro, muitas vezes colocando-os em situações de sacrifício pessoal em nome dos valores que eles defendem e nos quais acreditam. O super-herói tradicional é, antes de tudo, alguém engajado na causa dos que sofrem, como propõe, inclusive, a mensagem do Evangelho. E suas aventuras, por mais fantásticas que pareçam, em maior ou menor grau estão sempre em diálogo com a realidade contemporânea, com a concretude do chão sobre o qual se movem seus leitores. Tanto é que, atualmente, assuntos como a discriminação racial, injustiças sociais, corrupção política, violência contra a mulher, empoderamento feminino, preconceito e respeito à diversidade (entre outras questões que mobilizam a sociedade hoje) são temas recorrentes nas aventuras de super-heróis como *Pantera Negra*, *Luke Cage*, *Arqueiro Verde*, *Jessica Jones* e *X-Men*⁸⁸.

Acrescentando agora todos esses últimos elementos à análise que vinha sendo desenvolvida no início da presente seção, novamente se chega à conclusão de que, por trabalhar conceitos éticos (os quais, como se mostrou, dialogam com princípios bíblicos), e por associar a imagem do herói a um agente de libertação e transformação social, bem aos moldes do pensamento evangélico, os Quadrinhos de Super-Heróis podem, sim, servir como um cenário adequado para a linguagem teológica.

E, para fechar este estudo, o último argumento que se evoca diz respeito à mesma ideia com que se abriu o artigo: a capacidade de *inculturação* do Cristianismo. Essa sua habilidade permitiu à Igreja dialogar com outras culturas, assim como a grega, fazendo com que o Evangelho conseguisse superar o desafio e cumprir sua vocação de ser comunicado a todos. Ainda que desse encontro com o pensamento helenístico, mitos pagãos tenham sido por vezes revitalizados, é inegável que a fé cristã conseguiu conservar sua relevância naquele contexto cultural, sugerindo ser possível conciliar certos conceitos cristãos com narrativas

⁸⁷ KEELING, Michael. **Fundamentos da ética cristã**. São Paulo: ASTE, 2002, p. 11.

⁸⁸ *Pantera Negra* e *Luke Cage* são dois dos mais populares super-heróis negros da editora Marvel Comics. Enquanto o primeiro é o soberano da fictícia nação africana de Wakanda, o segundo atua quase sempre em bairros pobres de Nova York, agindo voluntariamente ou, em alguns casos, como um “herói de aluguel” (uma espécie de prestador de serviços “incomuns” para quem possa pagar por eles). O *Arqueiro Verde*, por sua vez, é um vigilante urbano da DC Comics. O herói é visto constantemente lutando contra injustiças praticadas com as classes sociais menos favorecidas, e tornou-se até prefeito da cidade fictícia de Star City em certa ocasião. Já *Jessica Jones* é uma poderosa super-heroína da Marvel que, no passado, fora dominada telepaticamente por um vilão, sofrendo uma série de abusos desde então, até conseguir se livrar do seu controle mental. Personagens extremamente famosos nos Quadrinhos da Marvel, os *X-Men* são uma equipe de heróis mutantes. No universo ficcional da editora, os mutantes representam o próximo estágio da evolução humana, sendo, por essa razão, chamados pela ciência de *Homo superior*: são indivíduos que nasceram com um gene mutante, designado nas histórias como Fator-X (ou *X-Factor*), o qual confere aos portadores mutações genéticas que se manifestam a partir da puberdade sob a forma de habilidades especiais (superpoderes). Como eles são considerados uma “categoria humana superior” na escala evolutiva, os X-Men, embora sejam heróis, também são temidos pela humanidade como uma ameaça (assim como os demais mutantes), fazendo com que o preconceito seja um tema constante em suas histórias.

fantásticas, tão próprias dos mitos (e dos Quadrinhos atuais), sem abrir mão da essência do Evangelho. Ao contrário, por vezes tal conjugação até permite iluminar o *querigma* cristão. Escritores como C. S. Lewis perceberam essa possibilidade. Na concepção do romancista irlandês,

dos mitos em diversas verdades, isto da sobre a a	A encarnação de Cristo representava o cumprimento histórico relacionados ao “Deus que morre”, que podiam ser encontrados culturas. Se, em algum lugar, a mitologia poderia ter-se tornado teria acontecido no cristianismo. [...] os mitos eram vislumbres realidade que, embora desfocados, revelavam a verdade divina imaginação humana. Além disso, todos os mitos apontavam para Encarnação, como o momento em que o Mito tornou-se Fato ⁸⁹ .
---	--

A percepção acima se harmoniza com o pensamento de Alessandro Rocha. Em obra já citada, o teólogo brasileiro, evocando o filósofo italiano Gianni Vattimo, chegou à conclusão de que “na aurora do século XX”, as críticas de Nietzsche a determinados valores morais e religiosos da cultura ocidental (fundamentados na univocidade discursiva da metafísica platônica)⁹⁰, ajudaram a libertar a metáfora de suas amarras, e esta, com seu potencial polissêmico (e abundante nos mitos), pôde assim recuperar sua importância para a reflexão teológica⁹¹.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Em se tratando de mitos e metáforas, há quase um século as Histórias em Quadrinhos ajudaram a remodelar o mito do herói, apresentando-o como uma metáfora do mundo real: a personificação da luta do bem contra o mal e da busca do ser humano por ir além de si mesmo, de superar os próprios limites, de se entregar a uma causa. Como no episódio em que o Superman conforta a jovem suicida, na HQ mencionada em seção anterior, os super-heróis de quando em vez ajudam o ser humano “comum” a compreender que ele pode ser mais do que sempre acreditou que fosse. Quando o ator Christopher Reeve, intérprete do Superman em quatro produções no cinema, ficou tetraplégico depois de um acidente a cavalo, sua força de vontade, seu carisma e sua esperança em encontrar uma possibilidade de recuperação, mostraram ao mundo o que era ser um *super-homem* de verdade. De igual modo, a luta corajosa e discreta do ator Chadwick Boseman (falecido recentemente) contra o câncer, travada entre cirurgias e quimioterapias ao mesmo tempo em que interpretava o papel de Pantera Negra em diferentes filmes da *Marvel Studios*, lembrou a todos mais uma vez, em especial àqueles que são esmagados pelo preconceito e pela indiferença, que cada um pode ser protagonista e herói da própria história.

Enfim... Concluindo (pelo menos por ora) esta jornada, após reunir e analisar todas as questões levantadas, o presente estudo propõe que: da mesma forma como, nos primórdios da Igreja, a cultura grega serviu de mediação cultural para a transmissão da mensagem evangélica, as conclusões de Vattimo e de Alessandro Rocha – somadas às percepções de C. S. Lewis e de Márcio Simão de Vasconcellos, e ao trabalho de pesquisadores na área de Histórias em Quadrinhos (como Francisca Viração) – abrem possibilidades de se enxergar a HQ de Super-

⁸⁹ VASCONCELLOS, Márcio Simão de. **O canto de Aslam**: uma abordagem do mito na obra de CS Lewis. São Paulo: Reflexão, 2010, p. 114.

⁹⁰ Cf. ROCHA, **Teologia sistemática no horizonte pós-moderno**, pp. 123-132.

⁹¹ *Ibid.*, pp. 132-140.

Heróis (com seus mitos pós-modernos e status de manifestação artística da cultura *pop*) como uma mediadora, no aqui e agora de seus leitores, deste processo de reflexão sobre temas da fé, em particular, da fé cristã. Um novo espaço onde também se possa fazer Teologia. Em síntese, os Quadrinhos de Super-Heróis como um fértil e “poderoso” *locus* teológico.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

LIVROS:

BAILLIE, Donald M. **Deus estava em Cristo**: ensaio sobre a encarnação e a expiação. 4. ed. São Paulo: ASTE, 2012.

BÍBLIA. Português. **Bíblia de estudo NVI**. São Paulo: Vida, 2003.

BRANDÃO, Junito de Souza. **Mitologia grega**. Petrópolis, RJ: Vozes, 1986. v. 1.

_____. **Mitologia grega**. Petrópolis, RJ: Vozes, 1987. v. 2.

_____. **Mitologia grega**. Petrópolis, RJ: Vozes, 1987. v. 3.

CHAUÍ, Marilena. **Convite à filosofia**. São Paulo: Ática, 2000.

HOMERO. **Odisséia**. São Paulo: Nova Cultural, 2002. (Obras Primas).

KEELING, Michael. **Fundamentos da ética cristã**. São Paulo: ASTE, 2002.

MEIER, Celito. **Filosofia**: por uma inteligência da complexidade. 2. ed. Belo Horizonte: Pax, 2014.

MELO, Jansen Racco Botelho de. **Entusiasmo e poder**: uma história do cristianismo. Petrópolis, RJ: [s.n.], 2013.

MOREIRA, Gilvander Luís. **Lucas e Atos**: uma teologia da história: teologia lucana. 2. ed. São Paulo: Paulinas, 2012. (Bíblia em Comunidade. Teologias Bíblicas, 12).

OLIVEIRA, Clenir Bellezi de. **Literatura em contexto**: a arte literária luso-brasileira – Parte I. São Paulo: FTD, 2015. (360°).

REIMER, Haroldo; REIMER, Ivoni Richter. **Tempos de graça**: o jubileu e as tradições jubilares na Bíblia. São Leopoldo, RS: Sinodal; CEBI; São Paulo: Paulus, 1999.

ROCHA, Alessandro Rodrigues. **Experiência e discernimento**: recepção da Palavra numa cultura pós-moderna. São Paulo: Fonte Editorial, 2010.

_____. **Introdução à teologia**. Carangola, MG: FAFIE, 2012. (Teologia em Movimento).

_____. **Teologia sistemática no horizonte pós-moderno**: um novo lugar para a linguagem teológica. São Paulo: Vida, 2007.

ROSA, Franco de (Org.). **Os segredos dos super-heróis**. Cotia, SP: Pé da letra, [2020].

VASCONCELLOS, Márcio Simão de. **O canto de Aslam**: uma abordagem do mito na obra de CS Lewis. São Paulo: Reflexão, 2010.

_____. **Teologia e literatura fantástica**: a redenção na trilogia cósmica de C. S. Lewis. São Paulo: Reflexão, 2017.

PERIÓDICO:

VIRAÇÃO, Francisca Jaqueline de Souza. “Olhem, lá no céu!” Superman e profetismo judaico. **Teoliterária – Revista de Literaturas e Teologias**, São Paulo, v. 9, n. 19, pp. 173-188, set./dez. 2019. Disponível em: <<https://revistas.pucsp.br/teoliteraria/article/view/43761>>. Acesso em: 19 ago. 2020.

TRABALHO ACADÊMICO:

PEÇANHA, Emilio Sandro Mesquita. “**Hoje se cumpriu esta escritura em vossos ouvidos**”: a escolha de Jesus pelos últimos da sociedade de ontem e de hoje à luz da teologia de Lucas. 2015. 77f. Trabalho de conclusão de curso (Bacharelado em Teologia) – Universidade do Grande Rio “Prof. José de Souza Herdy”, Escola de Educação, Ciências, Letras e Humanidades, Duque de Caxias, RJ, 2015.

HISTÓRIA EM QUADRINHOS:

MORRISON, Grant; QUITELY, Frank; GRANT, Jamie. **Grandes astros**: Superman. Barueri, SP: Panini Brasil, n. 10, jun. 2008.

FILMES:

SUPERMAN: o filme. Direção: Richard Donner. Produção: Alexander Salking, Pierre Spengler e Richard Lester. Burbank, California: Warner Bros. Pictures, 1978. 143 min.

SUPERMAN: o retorno. Direção: Bryan Singer. Produção: Jon Peters, Gilbert Adler e Bryan Singer. Burbank, California: Warner Bros. Pictures, 2006. 154 min.